

Briga pela escola errada

Começo de noite de uma terça-feira chuvosa em São Paulo é sinônimo de congestionamento enervante. Há quem suporte estoicamente o castigo. Outros, como ocorreu, tentam aliviá-lo, esquecidos da recomendação de Proust de que há males de que não se deve buscar a cura, porque só eles nos protegem contra males mais graves. No caso, o mal pior foi ligar o rádio do carro na *Voz do Brasil*, justamente a tempo de ouvir as profundas reflexões de um deputado baiano sobre o sistema educacional privado brasileiro. Os outros 38 membros da bancada do heróico Estado que perdoem por eventuais confusões, mas foi impossível guardar o nome do pedagogo. O que importa é que dizia ele ser caríssimo o ensino no Brasil, ficando mais barato para os pais mandar seus filhos estudar no Exterior. E mais barato ficaria se usassem convênios de intercâmbio. É nisso que dá ouvir o programa da Radiobrás, embora ele por vezes reproduza debates relevantes que as seções políticas dos jornais já não transcrevem.

As preocupações do deputado baiano certamente se inscrevem no debate sobre a medida provisória que regulou os ajustes das mensalidades escolares. Trata-se de briga feroz entre escolas que querem cobrar o que julgam necessário — e chamam de justo

— e associações de pais que querem desembolsar o mínimo possível — o que para eles é igualmente justo. No meio está o governo, que ainda não perdeu o vazo de meter o bedelho em contrato firmado entre partes capazes e legítimas. O problema é que esta situação dura além da conta e é da inteira conveniência do governo.

Nas escolas realmente caras, não há pais protestando contra as mensalidades. São as chamadas "escolas de elite", procuradas apenas por quem pode pagá-las, sem ou com sacrifícios, e sabe que o retorno em conhecimento e relacionamentos úteis para o futuro compensa cada centavo. Nas escolas procuradas pela classe média também não há conflitos: a relação custo-benefício é satisfatória e não precisa ser explicada para os pais; quando decai, os alunos são discretamente

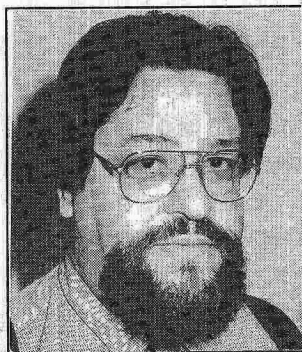
transferidos para as que mantêm o padrão.

É desagradável constatar, mas a grita se dá desse nível para baixo. É questão de dinheiro e de cultura. De dinheiro, porque a classe média em ascensão não consegue alcançar todos os seus patamares de aspiração material simultaneamente. De cultura, porque não reclama dos juro do crediário nem deixa de comprar o segundo carro, mas acha a escola cara. E às vezes, ou quase sempre, essas escolas são mesmo caras pelo que oferecem.

A situação acima descrita, que não é a de todo mundo, mas é geral, poderia ser administrada no domínio das relações interpessoais ou intrafamiliares, não fosse a conveniência, para o governo, de transformá-la em item importante da agenda política. Contou, para isso, com a ingênua convivência dos pais que querem para seus filhos ensino bom, barato e particular.

Veja-se que esses pais não se organizam em associações e muito menos fazem movimentos de opinião, para que o ensino público volte aos níveis em que esteve há uns 30 anos. Esses pais querem que o governo interfira em suas relações com as escolas particulares, mas não movem uma palha para que o governo cumpra sua função primordial, que é dar educação boa e gratuita para qualquer brasileiro em idade escolar.

Esses pais que se indignam com os centavos que as escolas privadas poderão ganhar a mais, à sua custa, não dão a mínima consideração aos milhares de reais que estão saindo de seus bolsos para sustentar uma estrutura de ensino que não podem usar, por ineficiente, falha e freqüentemente perigosa. Alguns diriam que isso é burrice. É pior. É falta de civismo. No momento em que os pais se divorciam dos problemas da escola pública, que é de todos, achando que encontrarão a solução para seus problemas na escola privada, eles condenam seus filhos a receber uma educação que somente será menos medíocre que aquela que seus netos receberão. Tem sido assim há pelo menos três décadas, graças a pais que brigam a briga errada e a deputados que acham que estudar no Exterior é mais barato. Para o governo não há arranjo melhor.



■ Antonio Carlos Pereira
é editorialista do "Estado"

**Esses pais não
movem uma palha
para que o governo
cumpra sua função
de dar educação
boa e gratuita**